

Decadência da Segunda Gorda

MARIA ROCHA
Repórter

FOTO: MARIANA PAIVA



As poucas barracas armadas na Ribeira permaneceram vazias, sem fregueses nem animação

A segunda-feira gorda da Ribeira, considerada uma extensão da Lavagem do Bonfim, já não é mais a mesma. Ruas vazias e pouca gente nas barracas mostram que a festa está acabando. Os barraqueiros reclamam do pouco movimento e da falta de incentivo para investir na festa de largo que, antigamente, só se encerrava na terça-feira dos motoristas, com grande participação da comunidade itapagipana.

Bancário aposentado e morador do bairro há 58 anos, Edu Cardin lembra de quando eram queimados os fogos anunciando o encerramento da novena do Senhor do Bonfim no domingo, os barraqueiros começavam a se deslocar para a Ribeira, em cima de carroças. "A mudança começava à meia-noite. Da Madragoa até a Ribeira era cheio de barracas vendendo bebidas e chapéus de palha. Muitos comerciantes vinham em saveiros do Recôncavo, cheios de frutas para serem vendidas sob os tamarineiros da Penha no dia da festa".

Segundo Cardin, o "primeiro grito de carnaval da Bahia" acontecia na festa da Ribeira, quando eram armados dois palanques, um da Rádio Excelsior e outro da Sociedade, cantores que faziam sucesso na época como Mirian Tereza e Clélia Matos, animavam o evento. O ex-bancário ainda se recorda que "queimava" o dia de serviço no banco para participar da festa que se estendia até a terça-feira dos motoristas, com muita moqueca de arraia, "era uma animação só até 1h

da madrugada de quarta-feira, com participação da comunidade, eu não via uma confusão se quer", ressalta.

RECORDAÇÕES

Aposentado pela Petrobras e morador de Itapagipe há 68 anos, Adenaldo da Silveira, amigo de Edu, também lembrou de quando participava da festa e tinha a data como algo sagrado como seu aniversário e Lavagem do Bonfim, a ponto de não ir ao trabalho, "essas três datas eu não trabalhava de jeito nenhum, queimava o serviço mesmo". Silveira, também re-

corda de um acontecimento triste, numa segunda-feira gorda do ano de 1958, quando ocorreu o naufrágio de uma embarcação que fazia travessia Ribeira/Plataforma vitimando mais de vinte pessoas.

Voltando aos dias atuais, a realidade encontrada ontem na festa talvez não seja das melhores, pelo menos para os barraqueiros que tiram seu ganha-pão do que vendem nas festas de largo. A proprietária de uma barraca, Selma Conceição, há 15 anos trabalha na festa, reclama do movimento e da falta de divulgação, e não desiste por não ter outra alternativa,

"vivo das vendas que faço nas barracas, se houvesse uma programação divulgando a festa, todos nós ganharíamos".

"A festa ainda acontece por causa dos barraqueiros, não é oferecida nenhuma infra-estrutura para trabalharmos, não instalaram um ponto de água, não colocaram iluminação, nem banheiro químico", conclui Selma, que saiu do Bonfim no domingo. Desde a Boa Viagem, dorme na barraca com a família, pulando de uma festa para outra e nos próximos dias, irá descansar, para reiniciar nova maratona dessa vez, para o Rio Vermelho.